

FH elogia evolução tecnológica

Esta é a íntegra do discurso do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de lançamento do Centro de Excelência em Produção de Petróleo em Águas Profundas, no Palácio do Planalto.

Sr. ministro Paulo Renato, ministro da Educação, ministro Vargas, de Ciência e Tecnologia, demais srs. ministros de Estado que aqui se encontram, sr. senador Teotônio Vilela, sr. deputado Roberto Santos, presidente da Petrobrás, dr. Rennó, srs. reitores, sra. reitora, sras. e srs., srs. professores que aqui se encontram, sras. professoras.

Eu tenho a impressão que o que foi dito pelos ministros e pelo dr. Rennó, que explicaram o sentido deste acordo, destes atos que estamos firmando, é suficiente para dar a importância, para marcar a importância, do que nós estamos fazendo nesta matéria.

Mas eu não queria me furtar ao prazer, de, ao felicitá-los pelo que estão realizando, de reafirmar a minha imensa confiança nas transformações que estão ocorrendo no Brasil e na posição cada vez mais central, dentro das preocupações nacionais, da ciência e da tecnologia. E, sobretudo, da capacidade que nós brasileiros temos tido de, nesses tempos de desafio, encontrar caminhos que permitam a continuidade dos trabalhos e permita que nós retomemos elan e, em algumas áreas, nunca o tivemos, ganhemos elan, para que seja possível, realmente, ao Brasil seguir adiante no seu curso. E esse curso que será, crescentemente, uma função do desenvolvimento educacional e desenvolvimento científico e tecnológico.

No mundo de hoje, já, o disse o ministro Paulo Renato, é necessário que se faça aquilo que o ministro Vargas também propôs, ou seja, que haja um entrosamento, uma convergência crescente entre os diversos segmentos da sociedade. As universidades compreenderam isso e estão abertas a esse entrosamento. Entrosamento que há de ser feito não em proveito de uma empresa, mas em proveito do conhecimento comum e do avanço das condições de produção que terminarão, naturalmente, e terminará esse avanço, e essas condições terminarão por propiciar ao país uma melhoria nas condições de vida concreta da população.

A Petrobrás, nesta matéria, sempre esteve na vanguarda. Sempre foi aberta à possibilidade de uma cooperação. E, mais uma vez, demonstrou isso. E me entusiasma aqui ou-

vir isso do presidente da Petrobrás, até disse a ele, cochichando ao ouvido, que eu quero ver mesmo esse desenvolvimento e tenho certeza que fará. Mas eu quero ver mesmo esse desenvolvimento porque dobrar a capacidade de exploração em águas profundas num curto período de tempo não é uma tarefa fácil.

Quando um país é capaz de, afirmativamente, se propor a essas tarefas e não o faz por demagogia, mas faz porque tem o caminho já calçado, é que esse país está, realmente, amadurecido para que ele possa participar com mais galhardia dos desafios da competitividade. E esse desafio não é escolha nossa, é imposição de circunstâncias que tem a ver com a mudança do sistema produtivo no mundo. E o Brasil está se preparando é para isso.

E a Petrobrás assumiu, mais uma vez, o compromisso de liderança nessa matéria. Ela já é líder de perfuração em águas profundas. Está, agora, afirmando essa liderança e lançando-se a uma tarefa ainda maior, que vai permitir, naturalmente, que a Petrobrás possa competir, e com vantagem, não só no Brasil, mas no âmbito mundial, da exploração de petróleo em águas profundas. Isso é muito importante.

É muito importante esse sentimento que as universidades têm, também, de que são partícipes dessas transformações e que estão muito próximas daquilo que está ocorrendo em termos concretos na vida produtiva desse país.

E, ao dizer isso, eu não estou dizendo para que se imagine que o governo pense que as universidades devam ater-se a esses programas, que são programas altamente importantes, porque permitem que haja concentração de esforços do setor privado junto com o setor público. Não. O ministro de Ciência e Tecnologia sabe do meu empenho na criação dos Centros de Excelência, na existência de recursos efetivos para que sempre universitários, alguns, também dependendo das universidades, para que possam ter melhores condições de trabalho e aí independentemente da aplicação prática imediata do resultado desses trabalhos.

Numa visão madura de sociedade, nós não podemos pensar que, somente por um caminho a ciência vai se desenvolver. Ela vai se desenvolver por uma confluência de esforços que terão de ser desenvolvidos a nível adequado e com os recursos adequados conforme o nível. É natural que, no que diz respeito à

ciência básica, o governo, o Estado, através do Tesouro, possa fornecer, em complementação aos recursos próprios das universidades e dos governos estaduais e, às vezes, até municipais, possam fornecer ao Estado, eu dizia, os recursos para que a pesquisa avance. Mas noutros setores, até mesmo pela definição do que é necessário e do que é novo, qual é fronteira do conhecimento, é natural que isso seja feito com a colaboração direta do setor privado.

E me anima ouvir as palavras do ministro Vargas, de que nós estamos avançando no financiamento através, também, da participação, que não é só da empresas, porque isso implica em renúncia fiscal. E, por consequência há, também aí, uma ação direta do Estado, induzindo as empresas a que elas possam apostar com mais confiança nas transformações tecnológicas. E essa outra parceria entre o setor privado e o setor público permite que se avance mais.

Por todas essas razões, como presidente da República, eu só posso estar confiante num país que está sendo capaz de juntar esforços e juntar universidade, governo e empresa privada, cientistas, trabalhadores, porque o futuro de todos nós depende dessa capacidade de convergência. Nem sempre na história é assim; há momentos em que se requer rupturas. Nos momentos em que as rupturas são necessárias, rompe-se. Nos momentos em que se requer convergências, há que trabalhar para essas convergências. Não são duradouros, nem uns, nem outros. Normalmente os de ruptura duram menos, mas tem efeitos mais imediatos e os de convergência duram mais e tem efeitos menos imediatos. É o que o ministro Vargas, repetindo o que eu tenho dito, chamou de revolução silenciosa.

No mundo moderno, as revoluções têm sido, mais silenciosas do que revoluções de rupturas bruscas, que na história nada assegura que sempre será assim. Mas não adianta nós imaginarmos como será uma história que não está ao alcance dos nossos olhos, corresponde a nós aceitar os desafios tais quais eles se colocam historicamente. E, historicamente, se coloca ao Brasil a necessidade de uma continuada luta silenciosa, que pede a convergência de todos os setores da sociedade. E é o que eu tenho feito, quando vejo, como hoje, frutos nessa direção, fico muito contente e agradeço imensamente a cooperação de todos.

Muito obrigado.